

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
A Cinemateca com o Doclisboa: Cecilia Mangini  
28 de Outubro de 2021

## FELICE NATALE / 1965

*um filme de Cecilia Mangini*

**Realização e argumento:** Cecilia Mangini / **Fotografia:** Luigi Scambati / **Montagem:** Maria Rosada / **Música:** Aldo de Blanc (Egisto Macchi) / **Produção:** Giorgio Patara (Itália) / **Cópia:** em ficheiro, cor, legendada electronicamente em português e em inglês / **Duração:** 14 minutos / **Estreia Mundial:** data não identificada / Primeira exibição na Cinemateca.

## COMIZI D'AMORE '80 – PARTE 2 / 1982

*um filme de Cecilia Mangini, Lino del Fra*

**Realização:** Lino Del Fra / **Colaboração:** Cecilia Mangini / **Fotografia:** Giuseppe Pinori / **Som:** Luigi Tassi / **Montagem:** Roberto Martini / **Música:** Billie Holiday, Gerald Marks, Seymour Simons / **Produção:** Radiotelevisione italiana (Itália) / **Cópia:** em ficheiro, cor, versão original legendada electronicamente em português e inglês / **Duração:** 63 minutos / **Estreia Mundial:** data não identificada / Primeira exibição na Cinemateca.

Duração total da projecção: 77 minutos

---

**Felice Natale** é apresentado no seu genérico como um “cine-documento” de Cecilia Mangini, tratando-se de um curiosíssimo filme que regista, com muita ironia e algum humor (que se estendem ao título), os festejos de um Natal na sua dupla vertente religiosa e consumista. O trabalho de som tem um papel essencial numa obra que, ao contrário de outras das primeiras curtas-metragens de Mangini, dispensa praticamente o comentário *off* para colocar em directa colisão os sons e as imagens – Mangini aprofundará esta experiência em **Tommaso** (1967), mas ainda mais no maravilhoso filme agora descoberto no Arquivo da Cinemateca com o título **Lori e Le Belve** (filme inédito ainda não datado que mostraremos no próximo Sábado).

Em **Felice Natale**, aos cânticos dos padres sucedem-se as festividades natalícias nas ruas, com muito dinheiro a circular de mão em mão. A ironia é ainda exacerbada pela música, mas também pelas escassas palavras que acompanham as imagens de uma multidão consumista e de miúdos que se deliciam com os brinquedos expostos nas lojas. Crianças disparam armas de brincar (com o som ampliado pela não naturalista banda sonora), outras brincam com carros telecomandados, a ainda outras deixam cartas ao Pai Natal-robô, em contraste com um grupo de miúdos que, num altar, declamam um Auto de Natal e entoam cânticos que se sobrepõem a uma fila de bonecas penduradas dentro de sacos de plástico. O chilrear ampliado de pássaros ou a música circense acompanham imagens do clero que passeia por entre as ruas da cidade por entre Pais Natais em descapotáveis, enquanto repetidas imagens de notas em circulação e de perus esfolados pendurados num aviário se unem num simbólico lamento pela mercadoria e pela mercantilização da vida moderna, acentuado por um “Ámen” final. Mangini faz aqui uma das mais duras críticas à rápida transformação da sociedade italiana, inscrevendo-se esta numa

tendência internacional ao desenvolver uma mesma “montagem dissonante” levada a cabo pelos situacionistas na sua crítica a sociedade do espectáculo, exacerbando-se neste filme de Mangini uma crítica declaradamente marxista e anti-clerical, que culmina com a citação final de Karl Marx.

Como referimos ontem a série **Comizi d’Amore ’80** (1982), de que mostramos hoje o segundo episódio e amanhã o terceiro, foi realizada por Lino Del Fra com a colaboração de Cecilia Mangini, e destinava-se à televisão, testemunhando um progressivo incremento da produção do casal para o género televisivo. Repegando no já referido filme com o mesmo nome de Pasolini, em que este em 1964 assinava o primeiro grande “inquérito filmado” sobre a sexualidade dos italianos, **Comizi d’Amore ’80** assume também a sua forma, apresentando-se como uma sucessão de entrevistas de rua, cujas respostas são captadas em som directo num estilo do *cinéma vérité*. Esta tendência para o directo e para a preponderância das entrevistas começa a surgir na obra de Mangini e de Lino Del Fra logo em meado dos anos sessenta com **Essere Done** (Mangini, 1965) ou **Domani Vinceró** (Mangini, 1969) em que, muito particularmente no último, Mangini investia no registo da palavra daqueles que entrevistava por toda a Itália. O “cinema-poesia” dos primeiros filmes cedia assim cada vez mais espaço a um cinema predominantemente educativo, que encontrava espaço na televisão italiana.

A crítica de Mangini à sociedade de consumo, que vemos no primeiro filme da sessão, encontrava assim eco no modo como abordaria a televisão, pois se por muitos como ela a televisão era vista como um dos grandes meios de amplificação dos comportamentos consumistas, poderia ser também encarada como um meio educativo que pudesse contribuir para a educação das massas, não se limitando ao entretenimento e contribuindo para uma intervenção na sociedade. Um projecto partilhado por todo um conjunto de autores marxistas, por filósofos e por realizadores que, em sintonia com ideias perfilhadas por Adorno e pela escola de Frankfurt, acreditavam na possibilidade utópica de uma outra televisão, de Alexander Kluge (a cuja obra dedicámos recentemente uma retrospectiva) a Roberto Rossellini, que entre 1964 e 1977 realiza algumas das suas mais interessantes obras para televisão.

O segundo episódio de **Comizi d’Amore ’80**, como o primeiro intitulado “italianos ao espelho”, centra-se em entrevistas a um conjunto de homens e mulheres, sobretudo de meia-idade, aos quais são colocadas questões sobre a virgindade e o sexo antes do casamento, a pornografia, os casos extra-conjugais e o ciúme, ou a homossexualidade, temática com que se encerra o filme. As discussões e os confrontos entre os vários entrevistados e as polémicas levantadas são um bom espelho das divisões, do conservadorismo e das desigualdades entre homens e mulheres que dominavam a sociedade italiana dos anos oitenta. Uma sociedade muito tradicional e em algumas regiões ainda profundamente ligada aos valores religiosos e a um conjunto de interditos da igreja católica, que segrega todos aqueles que escapam ao normativo. **Comizi d’Amore ’80** apresenta-nos uma visão transversal à sociedade italiana, em que se abordam directamente as diferenças entre “o modo como a sexualidade é vivida pelos burgueses e pelo proletariado” – como diz um dos entrevistados, que reivindica uma maior sinceridade para o povo –, entre pessoas muito diferentes, e entre diferentes regiões.

Indagando o consumo de massa ou o modo como os italianos vivem a sua sexualidade, os dois filmes desta sessão participam de um mesmo projecto audiovisual que reivindica para si próprio um importante papel ao nível da transformação da própria sociedade.

Joana Ascensão